



UFRJ
faz 100
ANOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

IBqM Internacional



IBqM

Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis

Entrevista realizada com Mariana Ribeiro, aluna de Doutorado da Profa. Sonia Vasconcelos, do Programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências (PEGeD/IBqM/UFRJ). Mariana fez um Doutorado Sanduíche na UCSD (EUA) pelo PrInt/UFRJ. Essa entrevista é longa, mas traz tanta informação valiosa! Tanto do ponto de vista científico como pessoal. Mariana trabalha com ética em Ciência. Vale à pena ler!!!



C. Como a bolsa do programa CAPES-PrInt fez diferença para você? Em termos científicos e pessoais?

M.: Pelo lado científico eu acho que foi de extrema importância para o meu projeto, porque eu consegui não só andar muito com o projeto lá. A estrutura que eu tinha ajudou muito. Embora eu não seja de bancada, eu tinha acesso à biblioteca, tinha um escritório com acesso à internet do servidor da UCSD ... O trabalho que fiz lá não seria impossível de ser feito aqui, só que o fato de eu estar usando o servidor da UCSD me permitia fazer as coisas com mais agilidade e facilidade, porque eu trabalho pegando documentos, e às vezes aqui eu não tenho acesso a esses documentos mesmo pela rede da UFRJ. Então consegui andar muito com a etapa de coleta. Meu projeto é dividido em diversas etapas e eu consegui fechar esta completamente. Consegui montar uma base de dados para o meu projeto, o que é bastante importante.

C. Você acha que você iria demorar quanto tempo mais aqui no Brasil para fechar isso?

M. Então, os 6 meses em que eu fiquei lá, eu acho que se eu estivesse aqui, eu talvez levasse um pouquinho mais... talvez um ano inteiro. Porque também eu acho que a situação do intercâmbio, ela te permite estar ali focado somente naquilo; e aqui nós temos outras questões do dia a dia que acabam comprometendo um pouco, porque, de fato, o tempo de dedicação que você tem, não é o mesmo, né? Então, tem essa parte dos dados, que eu realmente consegui fazer muita coisa lá. Uma outra etapa do projeto eu saí daqui já com uma ideia do que eu ia fazer, mas quando eu cheguei lá, conversando com o professor Kalichman e a Sonia, chegamos à conclusão de que a ideia inicial, que nós estávamos tendo talvez não fosse a melhor abordagem para o que nós estávamos querendo fazer. Nós tivemos um problema de logística também, a gente até manteve contato com a Dr. Patrícia Valdez do NIH que iria me receber em Washington pra realizar a ideia original, mas aí nos deparamos com questões financeiras também, nós não teríamos verba pra eu me descolar da Califórnia para Washington, então foi muito importante a visão dele para que nós mudássemos essa outra etapa. Cont. próxima página.



Cont... Fizemos então um "survey" que vai ser distribuída para pessoas que trabalham na UCSD - professores da UCSD - que têm experiência em revisar para o "NIH" e para o "NSF" e para outras agências de fomento americanas; que é um pouquinho diferente da ideia original, que nós tínhamos; só que nós percebemos, com o "input" dele, que realmente essa abordagem dele seria melhor. Enquanto eu estava lá eu consegui não só elaborar a "survey", como também a submetê-la para o Comitê de Ética da UCSD. O questionário foi aprovado e nós estávamos para lançá-lo quando começou isso tudo da epidemia e a UCSD parou completamente. O professor Kalichman achou melhor que nós não liberássemos a "survey" agora, porque a UCSD está parada; muitas das pessoas que provavelmente seriam nossas respondentes foram deslocadas por causa dessa questão da pandemia, então tem muitos laboratórios que pararam de fazer o que estavam fazendo normalmente, e estão trabalhando só com o coronavírus; então nós achamos que era melhor esperar - e é só por isso que a "survey" não foi ainda feita, mas ela foi totalmente elaborada lá e passou pelo Comitê de Ética (já tendo a aprovação do Comitê de Ética). Estamos só esperando tudo isso passar para aplicá-la.

Além disso, ainda na perspectiva científica também teve a questão de que eu tive a oportunidade de cursar três disciplinas enquanto eu estava lá. E as três disciplinas são oferecidas pelo departamento de ética, elas são completamente relacionadas à minha área de atuação. Eu acho que eu cresci muito, porque eu tive contato com professores de lá que trabalham na temática de ética e não é só o "networking" que é importante, esse contato me mostrou outras perspectivas, porque as aulas de ética que a Sônia dá aqui são diferente das que eles têm lá. Eu achei muito interessante ter contato com esses dois tipos de abordagens diferentes. Eu acho que, cientificamente falando, eu só ganhei; foi só coisa positiva, porque eu consegui trabalhar no meu projeto e consegui ter ideias novas também.



C. De acordo com o que você me falou, ter um grupo crítico dentro da UFRJ para trabalhar em colaboração, para fazer perguntas - isso faz crescer muito, não é? Eu sinto falta desse grupo crítico na minha área, porque também não tenho, e me deu a sensação disso ter sido muito importante para você também lá fora.

M. Sim, com certeza.

C. Então, qual é o tamanho desse grupo lá? É o departamento inteiro que trabalha com isso? Porque aqui são você e a Sonia, não é? Acho que são vocês que trabalham dentro disso aqui, não é?

M. Então, lá na UCSD eles têm um departamento, diferente do nosso, porque nosso grupo - eu e a Sonia -, nós estamos dentro do Instituto de Bioquímica, e nós somos um laboratório trabalhando com a temática; lá eles têm um departamento, que eles chamam de "Research Ethics Program", que é coordenado pelo professor Kalichman. Eles são os principais... Tem mais pessoas que trabalham com isso, mas os professores desse departamento é que são os oficiais, inclusive, eu tive 3 disciplinas diferentes, e cada uma foi com um professor diferente. Uma coisa muito interessante na minha área é que a maior parte das pessoas tem uma formação completamente diferente e, em algum momento de nossa vida acadêmica, vamos para a área de Ética. Mas, por exemplo, eu tive aula com uma professora cuja formação é em Filosofia, e agora trabalha com Ética; eu tive aula com uma outra professora cuja formação é em Design... Neurociência e Design, só que agora ela trabalha com Ética; o professor Kalichman tem formação em Engenharia e Neurofisiologia, e acabou indo para Ética também; tem um outro médico que também, agora, trabalha com Ética; então isso traz diferentes perspectivas e visões sobre a própria temática, o que é bem interessante. E, uma coisa que eu percebi muito é que, por exemplo, nas três disciplinas que eu fiz, os participantes da disciplina eram todos pós-graduandos ou PI'S, porque lá, se você recebe dinheiro do NIH, você é obrigado a passar por esse curso de Ética. Então tem muito PI que faz o curso também, porque eles precisam fazer por causa do "grant". E apesar da turma ser formada basicamente por pós-graduandos e já chefes de laboratórios, uma coisa que eu percebi muito claramente é como eles pensam de uma maneira diferente da gente. Por exemplo, as turmas de graduação que eu tenho aqui com a Sonia são muito mais críticas do que eles. Isso pode ter alguma relação com eles terem muito mais verba do que nós, então eles acham que tudo eles resolvem com dinheiro. Por exemplo, eles não desenvolvem a criatividade tanto quanto nós, porque nós sabemos que temos que ter nosso jeitinho brasileiro para lidar com as coisas, não é? Porque falta dinheiro para tudo, então nós temos que descobrir uma maneira de fazer aquilo com o pouco que nós temos; eles, por não terem essa preocupação, por um lado é muito bom, porque eles conseguem fazer muita coisa que nós não conseguimos fazer, porque eles têm acesso a equipamentos e a "softwares" e diversas coisas diferentes; só que por outro lado, eu tive a sensação também de ser um tiro no pé - de vez em quando -, porque mata um pouco a criatividade.



C. Mas isso na pesquisa em geral?

M. É, na pesquisa em geral. Até porque, nessas disciplinas que eu estava fazendo ninguém era da área de Ética - era o pessoal da bancada, que por receber o "grant" do NIH tinham que receber treinamento em Ética. Então, por serem pessoas que já não trabalham com ética, e por acharem que na área deles tudo se resolve com "ah, eu não consigo fazer esse experimento, porque esse equipamento quebrou, então vai ficar tudo parado até nós comprarmos outro- coisa que nós sabemos que aqui no Brasil não acontece: nós nos viramos nos 30 para fazer, porque se nós dependêssemos de equipamento novo para trabalhar, ninguém trabalhava dentro do CCS.

Então, eu não sei... assim... eu acho que por um lado, eu refleti bastante - eu conversei até bastante com a Sonia sobre isso -, eu acho a minha estadia na UCSD - a UCSD é um faculdade de renome: eles estão muito bem colocados dentro do ranking dos Estados Unidos; então, numa Universidade de altíssima qualidade - me trouxe uma reflexão que eu não esperava, que era, na verdade, perceber o ensino de altíssima qualidade que nós temos dentro da UFRJ; ver que nós não estamos tão atrás assim. Nós só não temos dinheiro. Só que, o que nos falta de dinheiro, e talvez de reconhecimento, nós meio que compensamos com a enorme criatividade que nós temos e com a enorme força de vontade que nós temos - porque eu acho que ser cientista especialmente no Brasil é vocação. Ninguém é cientista no Brasil para ficar rico ou para fazer nome ou nada assim. Então, eu realmente, em toda aula que eu tinha lá, eu ficava pensando assim: "Todas as aulas que eu tive na UFRJ na graduação e na pós"; e pensei muito assim: "Gente, nós não perdemos em nada para eles"; o nosso ensino é de altíssima qualidade.

C. Você fez graduação em quê? Terminou quando?

M. Em Biomedicina, na UFRJ; A graduação eu terminei em 2015; e aí, já em 2015, eu entrei para o mestrado lá no IBQM, com a Sonia; defendi o mestrado em 2018. Engraçado: eu lembro até as datas, porque eu fiz a seleção de Doutorado na sexta, e defendi o meu Mestrado na segunda; então foi muito emendado uma coisa na outra - porque eu entrei no Doutorado em março de 2018 mesmo. Mas eu sou cria da UFRJ desde sempre: fiz graduação na UFRJ; fiz o IC na UFRJ, só que na área de Virologia; e aí, na Pós, eu fui para o IBQM na área de Educação, Gestão e Difusão em Bociências, especificamente na temática de Ética e Integridade em Pesquisa.



C. Entendi. Você teria ficado mais tempo lá? Você acha que seria necessário ou você poderia ficar mais? Seria bom, mas não necessário? Você teria alguma vantagem se tivesse ficado mais tempo?

M. Eu acho... eu não digo que seria necessário porque eu acho que, com o tempo que eu fiquei lá eu consegui fazer muita coisa, e até mais do que nós estávamos esperando que eu conseguisse fazer; seria bom se eu ficasse mais tempo pelo fato de que eu gostaria de ter feito várias disciplinas que eu considero que teriam sido importantes para mim, mas que só aconteceriam no semestre seguinte. Mas isso pensando antes da pandemia, porque durante não teria adiantado em nada, porque ficou tudo parado. Mas se não estivesse acontecendo tudo isso - da pandemia -, e eu tivesse a oportunidade de ficar mais... por exemplo, a "survey" eu teria a possibilidade de completar enquanto eu estivesse lá e analisar lá; e fazer essas outras disciplinas, que eram do segundo semestre - que eu não consegui fazer; e talvez até uma outra etapa, porque no meu projeto, meio que uma etapa vai puxando a outra; então terminando o "survey" lá, eu poderia começar já a próxima etapa; que agora vou ter que fazer daqui. Então, não digo que seria de extrema necessidade, mas com certeza acrescentaria. Não seria um tempo "Ah, vou ficar mais seis meses aqui para conhecer"; não - eu conseguiria usar em prol do meu projeto, com certeza.



C. Entendi. Você me explica um pouquinho o seu projeto?

M. Sim. Então... o meu Doutorado é uma continuação do meu Mestrado, em que eu trabalho com o mecanismo de correção da literatura científica, especificamente as retratações. E no meu Mestrado eu olhei certos aspectos; e agora no meu Doutorado nós expandimos um pouco mais, exatamente pelo Doutorado ser mais longo, nós teríamos mais tempo para ver esses outros aspectos, que são basicamente tentar entender como é que o processo de correção da literatura - especificamente as retratações - podem impactar na avaliação de pesquisadores quando eles estão pedindo financiamento para alguma agência de fomento. Um lado vê o impacto na carreira - porque já tem diversos estudos que analisam retratações, e os impactos das retratações, mas de maneira muito quantitativa, utilizando as métricas como, por exemplo, citações, número de publicações - coisas mais ligadas à Cientometria. E o que o meu projeto tenta analisar é mais o lado qualitativo, que ainda não foi estudado - que é tentar entender, por exemplo, se você teve uma retratação; se você viu que as pessoas não querem mais trabalhar com você; se os alunos não te procuram mais; se você tem dificuldade em conseguir financiamento - e aí essa é a etapa do "survey", porque o "survey" que nós estamos fazendo é voltado para pessoas que são revisoras de agências de fomento, tentando entender como é que as retratações estão sendo vistas nesses critérios de avaliação; por um lado pode ser que eles digam "nós não estamos olhando para isso de forma nenhuma", mas isso já é uma resposta, já ficamos sabendo como é que está sendo a movimentação do sistema em relação a isso. E, por exemplo, com o própria pandemia do Covid nós estamos vendo um imenso número de artigos sendo publicados extremamente rápido, e na maior parte das vezes sem "peer review" ou com o processo de "peer review" acelerado, porque aquilo tem que ir para rua; só que as retratações também já estão acontecendo: as pessoas já estão pegando erros nesses trabalhos, e já estão retratando. Eu acho que nós já passamos do ponto de que as pessoas podem simplesmente ignorar esse processo de correção da literatura. Eu acho que nós estamos cada vez mais andando para um sistema de que a correção da literatura vai fazer parte do contexto científico "normal" e talvez faça parte do sistema de avaliação; e fazer parte do sistema não necessariamente de uma maneira negativa, porque por exemplo, um pesquisador que retratou um artigo porque ele percebeu que errou... por exemplo: ele errou em uma análise e ele está preocupado com o que está sendo publicado e o que está sendo disseminado, então ele pede uma retratação; essa retratação pode ser vista com bons olhos; as pessoas podem avaliar esse pesquisador como uma pessoa que está preocupada com a acurácia dos resultados científicos que ele está publicando; diferentemente de uma pessoa que sofre uma retratação porque ela fabricou dados - são duas coisas completamente diferentes. Parte do meu projeto é também entender essa diferença, de como o sistema vai olhar para essas diferentes possibilidades: retratações por erros honestos e retratações por algum tipo de má conduta. Então parte do meu projeto também entra nisso aí.



C. Vocês vão avaliar também o impacto na carreira desses cientistas ? Olhando o lado dos autores e não dos avaliadores?

M. Sim. Nós temos essa etapa também já definida, nós vamos conversar com os próprios autores. Com esse banco de dados que eu montei nós vamos extrair uma amostra de pesquisadores que sofreram retratações, e nós vamos dividir em retratações por algum tipo de má conduta; e retratações por algum tipo de erro, que não é má conduta; e nós vamos abordar os próprios autores. Vamos buscar saber como eles enxergam o papel das retratações nas suas carreiras - tipo, pode ser que um pesquisador que retratou porque fabricou dados vire e fale: "ninguém mais quer trabalhar comigo".

C. E você acha que essas pessoas vão te responder?

M. Então, essa inclusive é uma pergunta que fizeram na minha banca, porque parece meio contraditório, não é? - nós achamos que as pessoas não vão falar sobre isso. Mas na verdade o movimento que nós vemos com o próprio "Retraction Watch", que é a base que eu uso - o repositório de retratações - é que ao contrário do que nós esperaríamos, as pessoas querem contar o lado delas; elas querem se justificar na maior parte das vezes. Quando a retratação foi por erro honesto, a pessoa não vai ter problema nenhum em falar sobre aquilo, porque foi um erro; e quando é por má conduta, nós vemos o movimento das pessoas de querer, tipo assim, eu quero contar a minha história; eu quero que as pessoas entendam por que é que eu fiz o que eu fiz. É um pouco contra intuitivo, mas nós vemos esse movimento; as pessoas querem falar sobre isso. Então eu não acho que vai ser um gargalo; acho que nós vamos conseguir sim ter esse contato com os pesquisadores e conseguir falar com eles. Isso vai trazer "insights" muito interessantes, não é? Mesmo que um "insight" seja... "não fez diferença nenhuma ter uma retratação na minha carreira".

C. Mas vem cá... é.. aí toda essa "survey", toda essa pesquisa, você está fazendo com pessoas lá de fora, não é?

M. Na verdade, nós planejamos fazer nos Estados Unidos, União Europeia e Brasil.



C. Ainda no seu Doutorado?

M. Sim, nós temos essa pretensão. Mas mesmo que não ocorra durante o Doutorado, entra aí de novo a importância do intercâmbio, porque foi essa conversa com o Doutor Kalichman que deu essa visão, essa ideia de nós fazermos essa "survey" piloto lá na UCSD - porque lá nós vamos pegar as agências Americanas e, com isso, nós vamos conseguir adaptar aqui para o Brasil, porque nós sabemos que nosso sistema é um pouco diferente do deles, então nós já temos o piloto, nós já vamos conseguir adaptar um pouco melhor; e para a União Europeia também. E por que nós achamos que isso vai ser possível? Porque nós já começamos a ver isso no meu Mestrado. E no meu mestrado nós já publicamos isso; está em um preprint - nós conversamos com representantes Americanos, Brasileiros e Europeus, e todos eles se mostraram muito solícitos em participar desse tipo de estudo. Então nós já temos essa conexão feita aí, e a partir do momento que nós temos um instrumento pronto, eu acho que nós vamos conseguir, sim, ter essa entrada aí no sistema.

C. E você ter ido para lá, por exemplo, ajudou nesse tipo de conexão também com países europeus? Você acha que fez diferença?

M. Eu acho que sim, porque como eu estava sob supervisão do professor Kalichman - e o professor Kalichman é referência na área, não só nos Estados Unidos mas no mundo inteiro - ele teve, por exemplo, um representante da Coreia do Sul - visitando a UCSD e, quando ele chegou, ele já marcou uma reunião para eu conversar com ele! Eu entrei em contato com todos os professores do departamento da UCSD. O professor Kalichman conhece gente no mundo inteiro que trabalha com isso, assim como a Sonia - porque a Sonia também é referência em ética no Brasil. Isso também é uma coisa bem bacana de ver, o reconhecimento lá fora; as pessoas reconhecem o trabalho que nós fazemos aqui. Até pelo "BRISPE" que a Sonia coordena e tudo mais, então assim... é claro, o próprio professor Kalichman teve que mandar uma carta para a Capes, porque a Capes pediu um parecer sobre o meu trabalho lá. Não estou me gabando nem nada, muito na humildade, mas foi uma carta bem elogiosa; ficou bem claro que as portas que ele puder abrir para mim, ele vai abrir.



C. Realmente a carta foi muito legal. Você pretende voltar lá para fora? Você acha isso um passo importante para a sua carreira científica, você pretende passar mais tempo lá fora, mais tarde, talvez?

M. Sim. Uma coisa que eu sempre conversei com a Sonia, eu sempre tive essa vontade de sair do país... Nós já conversamos sobre a importância disso, porque ainda tem certos locais lá fora em que a discussão de ética ainda está muito embrionária. Então seria importante, por exemplo, uma pessoa como eu, que está tendo essa formação, de talvez abrir essa discussão em locais onde ela ainda está muito recém-nascida, não é? E eu sempre tive a vontade de talvez começar uma carreira lá fora.

C. E como você acha que pode penetrar nesses lugares?

M. Eu acho que pelas conexões que nós criamos ao longo do caminho, não é? Porque nós vamos criando referências e pessoas que estão ali para te ajudar e para também servir de referência para você; e exatamente pelo meu projeto ter muito uma pegada internacional - não ser somente Brasil -, porque acaba que o que eu faço é relevante em qualquer contexto; não é uma coisa só Brasil. Os dados que eu tiver podem ser desenvolvidos aqui; nos Estados Unidos; na Europa; eu posso desenvolver em qualquer lugar que eu vá, porque o sistema é o mesmo para todo mundo e as retratações são as mesmas para todo mundo.



C. Ainda no seu Doutorado?

M. Sim, nós temos essa pretensão. Mas mesmo que não ocorra durante o Doutorado, entra aí de novo a importância do intercâmbio, porque foi essa conversa com o Doutor Kalichman que deu essa visão, essa ideia de nós fazermos essa "survey" piloto lá na UCSD - porque lá nós vamos pegar as agências Americanas e, com isso, nós vamos conseguir adaptar aqui para o Brasil, porque nós sabemos que nosso sistema é um pouco diferente do deles, então nós já temos o piloto, nós já vamos conseguir adaptar um pouco melhor; e para a União Europeia também. E por que nós achamos que isso vai ser possível? Porque nós já começamos a ver isso no meu Mestrado. E no meu mestrado nós já publicamos isso; está em um preprint - nós conversamos com representantes Americanos, Brasileiros e Europeus, e todos eles se mostraram muito solícitos em participar desse tipo de estudo. Então nós já temos essa conexão feita aí, e a partir do momento que nós temos um instrumento pronto, eu acho que nós vamos conseguir, sim, ter essa entrada aí no sistema.

C. E você ter ido para lá, por exemplo, ajudou nesse tipo de conexão também com países europeus? Você acha que fez diferença?

M. Eu acho que sim, porque como eu estava sob supervisão do professor Kalichman - e o professor Kalichman é referência na área, não só nos Estados Unidos mas no mundo inteiro - ele teve, por exemplo, um representante da Coreia do Sul - visitando a UCSD e, quando ele chegou, ele já marcou uma reunião para eu conversar com ele! Eu entrei em contato com todos os professores do departamento da UCSD. O professor Kalichman conhece gente no mundo inteiro que trabalha com isso, assim como a Sonia - porque a Sonia também é referência em ética no Brasil. Isso também é uma coisa bem bacana de ver, o reconhecimento lá fora; as pessoas reconhecem o trabalho que nós fazemos aqui. Até pelo "BRISPE" que a Sonia coordena e tudo mais, então assim... é claro, o próprio professor Kalichman teve que mandar uma carta para a Capes, porque a Capes pediu um parecer sobre o meu trabalho lá. Não estou me gabando nem nada, muito na humildade, mas foi uma carta bem elogiosa; ficou bem claro que as portas que ele puder abrir para mim, ele vai abrir.



C. Realmente a carta foi muito legal. Você pretende voltar lá para fora? Você acha isso um passo importante para a sua carreira científica, você pretende passar mais tempo lá fora, mais tarde, talvez?

M. Sim. Uma coisa que eu sempre conversei com a Sonia, eu sempre tive essa vontade de sair do país... Nós já conversamos sobre a importância disso, porque ainda tem certos locais lá fora em que a discussão de ética ainda está muito embrionária. Então seria importante, por exemplo, uma pessoa como eu, que está tendo essa formação, de talvez abrir essa discussão em locais onde ela ainda está muito recém-nascida, não é? E eu sempre tive a vontade de talvez começar uma carreira lá fora.

C. E como você acha que pode penetrar nesses lugares?

M. Eu acho que pelas conexões que nós criamos ao longo do caminho, não é? Porque nós vamos criando referências e pessoas que estão ali para te ajudar e para também servir de referência para você; e exatamente pelo meu projeto ter muito uma pegada internacional - não ser somente Brasil -, porque acaba que o que eu faço é relevante em qualquer contexto; não é uma coisa só Brasil. Os dados que eu tiver podem ser desenvolvidos aqui; nos Estados Unidos; na Europa; eu posso desenvolver em qualquer lugar que eu vá, porque o sistema é o mesmo para todo mundo e as retratações são as mesmas para todo mundo.



C. Você acha que pode ter nuances de diferenças entre esses países? Como as pessoas veem ética nos diferentes países?

M. Com certeza. Mas isso só reforça a importância de termos projetos nessa temática. Até, por exemplo, essa minha experiência nas disciplinas que eu fiz, já me deu uma noção de como os Estados Unidos olham para ética de uma maneira completamente diferente do que nós olhamos no Brasil. E até se nós pensarmos em questões mais práticas, por exemplo, de regulação, no Brasil, nossa regulação não permite que nós paguemos participantes de pesquisa com exceção de estudos de bioequivalência, por exemplo. Nos Estados Unidos isso não é proibido e, inclusive, é prática comum você pagar participante de pesquisa lá, qualquer tipo de pesquisa que envolva seres humanos. Então isso já é uma diferença que nós temos clara nesses dois países. E o fato de que os Estados Unidos serem muito mais práticos para encarar as coisas do que nós. Eu acho que ambas as maneiras têm os seus prós e os seus contras, não é? Mas eu acho que o interessante é exatamente isso: é você ter pessoas diferentes falando sobre o mesmo assunto, porque uma vai completando a outra...

C. Você pretende abordar essas diferentes nuances de visão de ética? Ou existe um conceito sobre ética: ética é isso! E esse conceito é imutável? Você tem essa visão ou não? Ela pode ter diferentes nuances de acordo com o cenário ou o contexto em que você está?

M. Eu acho que a ética em si, a ética como entidade, ela não muda. Eu acho que o que muda é como as pessoas lidam com certos contextos. Por exemplo, no contexto das retratações você tem os Estados Unidos com uma atitude muito mais punitiva do que no Brasil. Eles têm uma questão de vigilância muito mais forte do que aqui, até pelo fato de que nos Estados Unidos você tem o Office of Research Integrity (ORI), que é uma organização responsável somente para lidar com investigações em casos de má conduta; que é uma coisa que aqui no Brasil ainda está muito incipiente - a UNB tentou começar a fazer isso, e eu acho que a USP também, mas eu acho que não está muito bem estabelecido como nos Estados Unidos.

C. E você acha isso importante?

M. Eu acho que tem prós e contras. De uma forma talvez essa questão realce a importância dos dados do meu projeto. Nós não sabemos ainda nem o que as pessoas estão pensando sobre as retratações. Se nós não sabemos como as pessoas estão pensando sobre retratações é difícil dizer qual é a melhor maneira de lidar com elas. Então eu acho que você ter um projeto que tenta mais ou menos trazer uma luz nesse contexto, eu acho que é importante, até para definir lá na frente como é que os "stakeholders" vão lidar com isso.



C. E sobre sua experiência de internacionalização, de ter estado em outro país; essa coisa da importância do "networking" que você foi capaz de formar lá; tem alguma outra mensagem que você ache importante passar para as pessoas?

M. Eu acho que uma coisa que eu gostaria de destacar é a importância de, independente para onde você está indo, de realmente você investir em uma segunda língua, porque a ciência é independentemente da área em que você está; a ciência é feita por diversos países e não consigo pensar em nenhuma área científica em que você vai estar ali somente trabalhando no Brasil com aquilo ali, sem ter contato com ninguém de fora, e nós sabemos que o inglês é a língua da ciência, por enquanto; pode ser que no futuro isso mude. E uma das minhas preocupações antes de ir era realmente essa questão do inglês, de achar que não ia conseguir, que ia ser julgada por um inglês ruim...

C. Como é que era o seu inglês antes de ir?

M. Meu inglês escrito e de compreensão sempre foram muito bons, porque eu tenho um ouvido bom para língua, então eu sempre consegui entender muito bem; e ler muito artigo, ver muito filme, escutar muita música, então isso sempre... é... eu não tinha preocupação em relação a compreender as pessoas, porque isso eu sabia que eu ia conseguir. O meu medo era falar. Porque eu sempre tive aquela trava de, tipo assim: "nossa, meu inglês é horrível"; "Eles vão perceber o meu sotaque"; "Eles vão perceber qualquer errinho que eu falar, eles vão perceber"; e ter essa experiência lá fora me fez perceber que não; que, na verdade, eles não nos julgam; na verdade, eles ficam até bastante impressionados pelo fato de que você está ali falando uma língua que não é sua, não é? E o meu inglês falado com certeza melhorou 120%, porque você está imerso numa cultura em que você é obrigado a falar outra língua o tempo todo.

Realmente o inglês fez bastante diferença. Eu senti uma melhora no inglês e uma certa perda daquela barreira que nós criamos com medo de falar outra língua. Um outra coisa que acho importante é a adaptação a uma outra cultura, é pegar o que é de diferente, o que é de bom... Eu acho... assim... no todo, no todo, é uma experiência que vale muito a pena, não só cientificamente falando, mas pessoalmente falando, eu acho que nós crescemos muito quando nos vemos imersos, sozinhos, num outro país, numa outra cultura, com uma língua que não é a nossa... então é um momento de crescimento pessoal muito grande que você está... e até mesmo... talvez sirva até mesmo para valorizar o que nós temos. Como eu falei, as minhas experiências em sala de aula me fizeram refletir muito sobre a qualidade de ensino que nós temos na UFRJ, e não é desmerecendo o ensino de lá; muito pelo contrário, é somente a percepção de que eles são muito bons e de que nós não perdemos em nada - somos tão bom quanto eles. Nós talvez só tenhamos uma síndrome de vira-lata, de não nos acharmos tão bons quanto eles, mas na verdade nós somos. Então eu acho que isso foi bem bacana.
Cont. Próxima página



Cont... Fora a experiência social! Você interagir com pessoas de outras culturas... Eu tive contato, porque eu dividi casa com outros três alunos estrangeiros que também estavam fazendo intercâmbio. Então traz também essa interação. Cada um de áreas completamente diferentes. Nós sentávamos para jantar e tínhamos discussões científicas pegando todas as áreas. Tinha eu que trabalhava com ética; tinha uma outra brasileira, só que ela era da Biologia marinha: ela trabalha com petróleo, então tinha essa outra visão; aí tinha um menino da Dinamarca, que era da área social, ele trabalha com pessoas deficientes visuais, então já era uma outra pegada; então foi essa troca de experiência, e eu sinto que eu cresci muito não só como cientista mas também como pessoa, por essa interação com outras culturas e outra língua e tudo mais. É uma experiência que com certeza recomendo para todo mundo que puder e tiver vontade de fazer, porque eu acho que vale muito à pena; eu acho que nós crescemos muito e eu acho que nós viemos com muita carga na mochila para incrementarmos o que fazemos aqui, sabe? E ver que eles podem, mas nós podemos também. E porque nós somos capazes de fazer. Então talvez essa seja a maior mensagem, que me ficou: nós somos tão capazes quanto eles; nós não podemos ficar achando que só porque somos Brasil, não somos nada.

C. E vem cá, você está falando sobre essa coisa, sobre esse mundo internacional que você acabou vivenciando lá. Entrar em contato com aquela cultura especificamente, mas com outras culturas também, provavelmente. Você acha que esse ambiente favorece mais o pensamento crítico? Esse ambiente mais diverso culturalmente, nós nos beneficiaríamos aqui no Brasil se nós tivéssemos um ambiente mais parecido?

M. Com certeza, com certeza. Porque o que eu senti, principalmente nas salas de aula, que era assim: tinha os Americanos; aí tinha alguns alunos da China, do Japão ou da Coreia e tinha eu, Brasileira; -por exemplo, teve uma aula que nós entramos exatamente na questão de pesquisas em humanos e eu era a única que vinha de um "background" diferente, eu pude levar a visão de como é o sistema no Brasil, que eles não tinham a menor ideia. Então teve essa troca deles também aprenderem... tipo... eles não sabiam que o Brasil tem o sistema CEP/CONEP; não sabiam que o Brasil tinha um sistema de regulação ética, eu estar ali possibilitou também esse aprendizado pra eles, de como são as coisas de fora ali do mundinho. Então, eu acho que qualquer lugar que tenha uma diversidade de cultura só acrescenta, porque nós achamos que só porque o que nós estamos fazendo é ciência, é tudo igual, e não é. A ciência tem suas peculiaridades dependendo do lugar em que você esteja. Você permitir essa troca é muito importante, porque nós começamos a ver, por exemplo... eu vi claramente como nos Estados Unidos a competitividade é muito, muito, muito mais acirrada do que no Brasil. Não que no Brasil não haja uma competitividade grande, existe; só que lá fica muito marcado na fala de todo mundo essa questão ,de que eles têm que publicar, eles têm que publicar...Eles têm que publicar na "Science"; eles têm que publicar na "Nature"; são sistemas diferentes; são perspectivas diferentes; e eu acho que sim: eu acho que você ter um ambiente em que você tem uma troca cultural, eu só vejo benefícios. Eu não vejo como isso pode ser ruim. Eu só vejo que acrescenta.

C. Obrigada Mariana! Tenho certeza que a sua entrevista vai levar muita informação importante para as pessoas.